

A CONTRIBUIÇÃO DOS SERVIÇOS EMPRESARIAIS INTENSIVOS EM CONHECIMENTO (*KIBS*) PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL

Josias Alves de Jesus*

Resumo

Este artigo trata os Serviços Empresariais Intensivos em Conhecimento (*KIBS*) como fundamentais para o desenvolvimento regional enquanto elementos facilitadores para a geração e difusão de conhecimento e inovação quer seja inter-empresas, ao fornecer serviços com alto valor agregado em termos de conhecimento, e intra-empresas, ao permitir o fluxo de conhecimento em vários níveis da organização. O objetivo é demonstrar que os Serviços Empresariais Intensivos em Conhecimento estão vinculados de modo direto com a atuação inovadora em âmbito regional, e em particular, que exercem impacto positivo sobre a mesma, atuando como facilitadores, portadores e fonte de inovação.

Palavras-chave: Serviços Empresariais Intensivos em Conhecimento (*KIBS*); conhecimento; inovação.

Abstract

The present article discusses the Knowledge-Intensive Business Services (*KIBS*) as basic for the regional development while elements facilitators for the generation and diffusion of knowledge want either inter-companies, when supplying services with high value added in knowledge terms, and intra-company, when allowing the flow of knowledge in some levels of the organization. The objective is to demonstrate that the *KIBS* are tied in direct way with the innovative performance in regional scope, and in particular, that they exert positive impact on the same one, acting as facilitators, carriers and source of innovation.

Key words: Knowledge-Intensive Business Services (*KIBS*); knowledge; innovation.

Introdução

Este artigo tem como objetivo discutir a importância dos Serviços Empresariais Intensivos em Conhecimento, tradução do inglês *Knowledge-Intensive Business Services*, ou *KIBS*, para o desenvolvimento regional. A discussão em torno do papel dos *KIBS* no desenvolvimento regional é um fenômeno recente na literatura econômica e vem sendo objeto de estudo, principalmente nos Estados Unidos e na Europa.

O artigo está dividido em cinco seções: a primeira trata da busca de um referencial teórico capaz de identificar as principais mudanças ocorridas no sistema produtivo nas últimas três décadas; a segunda trata da caracterização dos *KIBS* através da análise dos trabalhos de Miles (1995), Muller e Zenker (2001) e Muller (2001), procurando definir quais atividades são consideradas intensivas em conhecimento e fazendo distinção entre duas categorias de *KIBS*; a terceira seção trata da caracterização dos Sistemas Regionais de Inovação, conceito que está sendo bastante utilizado no sentido da elaboração de políticas para o desenvolvimento regional a partir da realidade e atores locais; a quarta seção examina o papel dos *KIBS* nos Sistemas Regionais de Inovação, enquanto agentes de geração e difusão de conhecimento, apresentando as principais abordagens que suscitam o tema; e, a quinta e última seção, reporta-se às conclusões relativas às questões levantadas ao longo do trabalho.

Em busca de um referencial teórico.

As mudanças observadas nos últimos três decênios do século

passado trouxeram impactos em todas as atividades econômicas. Surgiram novos processos, produtos, novos serviços, insumos, formatos organizacionais e nova organização da produção. O volume e quantidade de informação são cada vez maiores. Todas essas mudanças podem ser resumidas em uma única palavra: inovação.

A busca de um referencial teórico que trate toda a gama de mudanças ocorridas no final do século passado torna-se um desafio para a nova geração de economistas, como observa Ferraz e Lastres (1999). A produção e difusão do conhecimento possuem especificidades próprias não compatíveis com as abordagens da teoria econômica tradicional, sendo assim necessário elaborar um referencial teórico que discuta essas questões, objetivo principal desta seção.

Um dos primeiros autores a situar a questão da inovação como elemento primordial do desenvolvimento econômico foi Schumpeter no livro *Teoria do Desenvolvimento Econômico* editado em 1911. Para Schumpeter existem cinco tipos de inovações:

- i) desenvolvimento de um novo produto, ou de uma nova qualidade para um produto já existente;
- ii) desenvolvimento de um novo processo produtivo;
- iii) desenvolvimento de novos mercados para bens já existentes;
- iv) desenvolvimento de novas fontes de matérias-primas;
- v) desenvolvimento de uma nova organização industrial, visando, por exemplo, a uma visão de monopólio.

* Economista pela Universidade Estadual de Feira de Santana - Uefs e Mestrando em Análise Regional pela Universidade Salvador - Unifacs. e-mail: josiasuefs@hotmail.com.

De acordo com Possas (1989), a partir das idéias de Schumpeter surgem duas correntes neo-schumpeterianas, não rivais, no final da década de 1970. A primeira tem como expoentes R. Nelson e S. Winter, auto-denominada “evolucionista” e, a segunda, originária da Universidade Sussex, Reino Unido, tem como expoentes C. Freeman, C. Perez, K. Pavitt, L. Soete e G. Dosi, entre outros.

Para Possas (1989):

A idéia central é que, tal como a evolução das espécies se dá (na teoria darwiniana) por meio de mutações genéticas submetidas à seleção do meio ambiente, as mudanças econômicas – entendidas tanto no aspecto técnico-produtivo (processos e produtos) quanto na estrutura dinâmica dos mercados (concentração, diversificação, rentabilidade, crescimento) – têm origem na busca incessante, por parte das firmas, como unidade básicas do processo competitivo, de introduzir inovação de processos e produtos” (POSSAS, 1989 p.159)

Neste enfoque, são características do processo de busca de inovações sua irreversibilidade, seu caráter contingente em face da trajetória vigente e a incerteza que o envolve.

A outra abordagem neo-schumpeteriana, originária da Universidade de Sussex, faz uma análise do processo de transformação da economia a partir da noção das mudanças de paradigmas tecno-econômicos. Essa abordagem possui duas influências claras: de um lado vai ao encontro da noção de paradigma kunhniana, na qual a ciência avança em momentos de crises de paradigmas e de outro lado aceita a visão de “destruição criadora” elaborada por Schumpeter no qual o novo não surge do velho, mas ao lado deste em constante disputa até o momento em que o novo substitui o velho pela incapacidade de co-existência de ambos.

Para esta abordagem a emergência de novos paradigmas são fundamentais para o desenvolvimento de novos produtos, serviços e formatos organizacionais. Para Tigre (1998, p.97) “Freeman recupera, aperfeiçoa e atualiza a teoria dos ciclos longos

de Schumpeter mostrando como a difusão de inovações está no centro dos movimentos cíclicos da economia mundial”.

De acordo com Freeman:

Um paradigma tecno-econômico é um cluster de inovações técnicas, organizacionais e administrativas interrelacionadas cujas vantagens devem ser descobertas não apenas e uma nova gama de produtos e sistemas, mas também e, sobretudo na dinâmica estrutural dos custos relativos de todos os possíveis insumos para a produção. Em cada novo paradigma, um insumo específico ou conjunto de insumos pode ser descrito como o “fator-chave” desse paradigma caracterizado pela queda dos custos relativos e pela disponibilidade universal. A mudança contemporânea de paradigma pode ser vista como uma transferência de uma tecnologia baseada principalmente em insumos baratos de energia para uma que se baseia predominantemente em insumos baratos de informação derivados do avanço da tecnologia em microeletrônica e telecomunicações. (FREEMAN, 1988, p.10).

Para Ferraz e Lastres (1999) observa-se hoje o surgimento de um novo paradigma, proporcionado pelas tecnologias de informação baseado na interligação de inovações em computação eletrônica, engenharia de *software*, sistemas de controle e circuitos integrados que reduziram bastante os custos de transação.

Em síntese, esse novo paradigma fez surgir o que muitos autores têm chamado de “economia baseada no conhecimento”, na qual uma série de mudanças estão em curso, fazendo com que o conhecimento seja o motor principal do desenvolvimento, mudando radicalmente certas atividades, entre elas os serviços que passam a possuir um alto grau de conhecimento agregado e será discutido na próxima seção.

Caracterização dos Serviços Empresariais Intensivos em Conhecimento (KIBS).

Em artigo seminal de 1995, Ian Miles juntamente com outros pesquisadores da Universidade de Manchester, entre eles Nikos Kastrinos e Kieron Flanagan, lança os primeiros estudos sistematizados acerca de KIBS.

Os Serviços Empresariais Intensivos em Conhecimento, tradução do inglês para *Knowledge-Intensive Business Services (KIBS)* são definidos como empresas que vendem serviços para outras empresas em que o conhecimento e a informação são os principais componentes. Muller (2001, p.2) descreve KIBS como “firmas que executam, principalmente para outras firmas, serviços cercados de alto valor-agregado intelectual”.

Miles (1995), identifica duas categorias principais de KIBS diferenciando-se entre si pelo uso mais intensivo de tecnologias da informação e comunicação (TIC).

KIBS I – serviços profissionais tradicionais como propaganda e *marketing*, treinamento (exceto em novas tecnologias), *design* (exceto em novas tecnologias), alguns serviços financeiros como seguros e mercado de ações, contabilidade, serviços ambientais, arquitetura, engenharia e construção;

KIBS II (T-KIBS) – serviços baseados em nova tecnologia como rede de computadores, telemática, alguns serviços de telecomunicações, *software*, treinamento em novas tecnologias, *design* envolvendo novas tecnologias, serviços de construção envolvendo TI, consultoria envolvendo novas tecnologias e consultoria em P&D.

Os KIBS são empresas com alto nível de conhecimento tácito e explícito, com equipe de trabalho engajada na geração e comunicação da informação para encontrar a necessidade específica do cliente. A informação é criada de seu próprio conhecimento e combinada com o conhecimento e informação de seus clientes, de universidades e laboratórios estatais e outros que tenham ou venham a ter contato. Há uma relação muito estreita entre a empresa de KIBS, seus clientes e fornecedores formando uma espécie de rede de cooperação.

Caracterização dos Sistemas Nacionais de Inovação.

As discussões acerca das saídas para as economias regionais e nacionais frente aos desafios impostos

pela globalização colocou em evidência a noção de Sistemas Nacionais de Inovação. Difundido pelos trabalhos de Freeman (1987), Nelson e Rosenberg (1993) e Lundval (1992), esse conceito explicita a necessidade da inovação tornar-se cada vez mais disseminada por instituições e atores locais

Para Lundval (1992), um sistema de inovação é constituído por elementos e relações que interagem na produção, difusão e uso do conhecimento. Em sentido estrito incluiria organizações diretamente envolvidas na busca e exploração de inovações (departamento de P&D, universidades e institutos de pesquisa) e em sentido amplo seria constituído de estruturas econômicas e institucionais que implementassem o sistema produtivo, conferindo, desse modo, certa conotação política aos Sistemas Nacionais de Inovação.

Já Freeman (1987), considera que os sistemas de inovação são estruturas organizacionais e institucionais de suporte às mudanças tecnológicas que tendem a ser predominantemente de caráter nacional, assim cada país teria sistemas nacionais de inovação próprios com características específicas da nação; o que remete a anterior concepção das especialidades de cada mercado-nação, algo que favorece ao país hegemônico que tenderia a ficar com a parte de maior interesse estratégico ou de maior retorno, não só pecuniário, como também de outras formas de poder.

Buscando um caráter ainda mais regional e específico ao conceito de Sistemas Nacionais de Inovação alguns autores passaram a trabalhar com a noção de Sistemas Regionais de Inovação, conforme Roese (2003) reforçando a necessidade de uma maior integração à sociedade local.

Albuquerque (2001) enfatiza que os Sistemas Regionais de Inovação sofisticam a divisão tecnológica do trabalho, fornecendo às firmas maiores possibilidades de avanço tecnológico de forma duradoura e persistente.

Ambos os conceitos enfocam a importância dos agentes para a criação e difusão das inovações, onde subsistemas entram em contato com

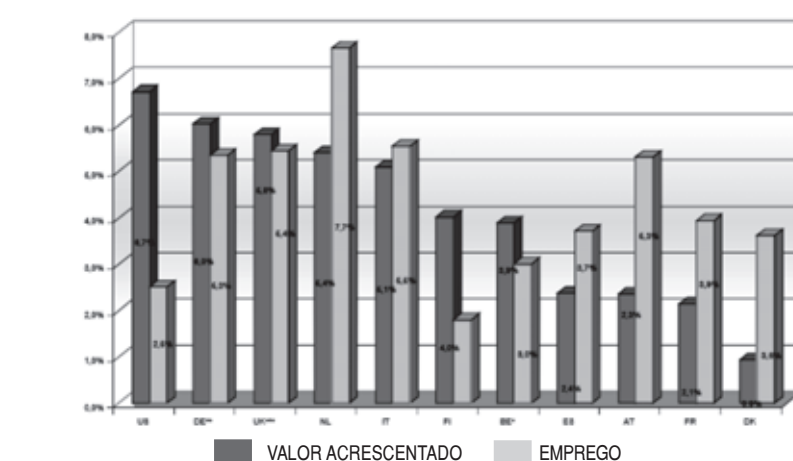


Figura 1. Evolução do peso dos serviços ligados às empresas entre 1990 e 2001 em termos de valor acrescentado e emprego nos países da OCDE.

Estimativas para 2001. Estimativas para 1990. Estimativas para o emprego.

Fontes: Eurostat (*New Cronos*) e *OECD in Figures 2002*

outros subsistemas formando uma rede de relações amplamente favoráveis à inovação.

O papel dos KIBS no Sistema Regional de Inovação

O conhecimento é hoje um dos ativos mais relevantes quando se trata de desenvolvimento, quer seja de organizações, quer seja de uma nação. A sociedade contemporânea é perceptivelmente mais informada e com maior acesso ao conhecimento; nesse sentido as atividades intensivas em conhecimento, a exemplo dos KIBS, têm um papel fundamental ao fomentar esse desenvolvimento. Contudo, a maior dificuldade é como identificar e avaliar essa contribuição. Como e quando os KIBS exercem esse papel?

No Brasil não se tem disponibilizadas pesquisas e estudos que possam dar respostas a essas questões. As estatísticas sobre o setor terciário ainda são incipientes e o setor é muito heterogêneo abrigando atividades díspares como ambulantes e serviços técnicos de consultoria em TI.

Farias (2005), através de dados coletados no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o ano de 2003, analisa e discute o crescimento dos KIBS no Brasil como sendo um dos setores mais dinâmicos em termos de pessoal ocupado e maiores salários médios.

Os dados do IBGE indicam que a

participação do setor de serviços no PIB brasileiro em 2003 foi de 57,7% contra 31,9% da indústria e 10,4% da agricultura e em 2002 foi de 61,1% enquanto a indústria participou com 29,3% e a agricultura com apenas 9,6%.

Na Bahia, o trabalho de Almeida (2004) discute a importância do setor de serviços na composição do PIB baiano e na geração de emprego. Através de uma pesquisa realizada por Da Cruz e Menezes (2000), citado por Almeida (2004, p.11), "os autores calcularam, que em 1998, 82% do PIB de Salvador era gerado por atividades do setor terciário. Enquanto o comércio gerava 12%, os serviços eram responsáveis por 70%". O trabalho de Almeida (2004) ressalta ainda a necessidade de uma visão mais crítica em relação aos serviços, destacando sua importância estratégica no desenvolvimento em um ambiente marcado pelo conhecimento.

Na Europa e nos Estados Unidos a participação das empresas de KIBS no valor agregado e no emprego é cada vez maior, como pode ser observado na figura 1, com destaque para os Estados Unidos em termos de valor adicionado e para a Holanda em termos de crescimento do emprego.

Outro aspecto a ser destacado é em relação às exportações de serviços. Dados da Eurostat mostram que os serviços são cada vez mais expor-

táveis (*tradables*) e são fontes de disputas na Organização Mundial de Comércio (OMC), na qual os chamados países do primeiro mundo buscam alternativas para a exportação de seus serviços como fonte de receita. Como pode ser observado na figura 2, apenas os Estados Unidos exportam 21% do total dos serviços consumidos em todo o mundo, enquanto que a Europa participa com 27%. Estes dados evidenciam a importância do setor dentro do sistema produtivo mundial.

Na literatura internacional sobre as empresas de *KIBS* encontram-se duas abordagens acerca da contribuição dessas empresas no processo de inovação a partir de sistemas regionais ou nacionais de inovação. A primeira abordagem que considera as empresas de *KIBS* promovendo um fluxo de informações interna e externamente propiciando a aquisição do conhecimento, é representada pelos trabalhos de Muller e Zenker (2001), Strambach (2001), Hauknes (1998), Den Hertog (2000) e Toivonen (2004). A segunda abordagem leva em consideração a proximidade das empresas de *KIBS* com outros organismos fomentadores do conhecimento, como universidades e centros de P&D, como fator relevante para a inovação, dando um caráter mais regional. Essa segunda abordagem encontra-se, principalmente nos trabalhos de Asián (2003), Tervo e Niitykangas (2004) e Camacho, Rodrigues e Garcia (2003).

KIBS e o fluxo do conhecimento

Para Muller e Zenker (2001), as empresas de *KIBS* podem assumir duas posições específicas no Sistema de Inovação: primeiro, como fonte externa de conhecimento, contribuindo para inovações de seus clientes (firmas), e, em segundo, introduzindo inovações internas e promovendo maior e melhor qualificação dos locais de trabalho, contribuindo, assim, para melhor performance econômica e promovendo o crescimento. Percebe-se nessa contribuição dos autores que as empresas de *KIBS* atuam internamente melhorando a qualificação de seus funcioná-



Figura 2. Exportações e importações no setor dos serviços ligados às empresas, 2001

Fonte: Eurostat, comércio externo. O comércio intra-UE foi excluído dos totais

rios, permitindo uma melhor divisão do trabalho, o que irá impactar a produtividade, facilitando a inovação e permitindo ganhos econômicos.

Outro aspecto importante refere-se à oferta de serviços das empresas de *KIBS*, que ao venderem no mercado serviços intensivos em conhecimento permitem que seus clientes adquiram uma gama de serviços e inovações, capacitando-os, para que posteriormente, possam realizar suas próprias inovações. Nesse aspecto, Czarnitzik e Spielkamp (2000,

p.26) citados por Muller e Zenker (2001, p.1503) consideram que os *KIBS* são "pontes para a inovação".

É importante notar que as empresas de *KIBS* ao interagir com seus clientes formam um fluxo contínuo de informações, permitindo que as trocas de experiências entre ambos façam desaparecer ou serem corrigidos possíveis *gaps*. Importante contribuição acerca do funcionamento dos fluxos de informações e conhecimento é apresentado por Strambach (2001), de acordo com a figura 3.

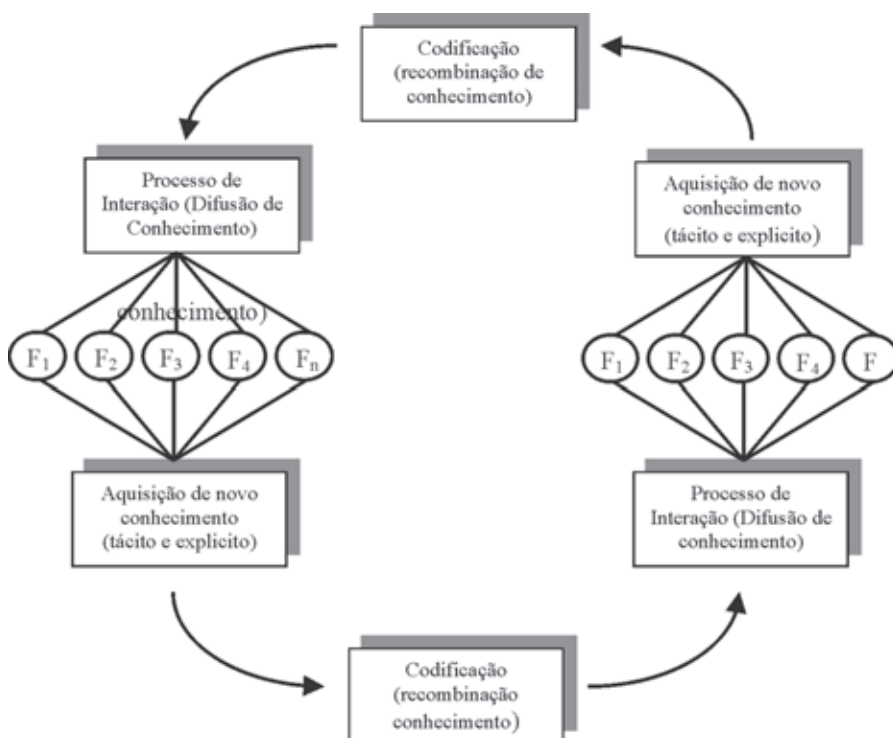


Figura 3. Produção de conhecimento e difusão como resultado das atividades de *KIBS* (F1-FN: clientes firmas; adaptado de Strambach, 2001, p.64)

De acordo com a figura 3 identificam-se três estágios principais no processo de produção e aquisição de conhecimento. No primeiro estágio há a aquisição de conhecimento do tipo tácito ou codificado. No segundo, há uma recombinação de conhecimento e um processo de interação, contribuindo para a transferência do conhecimento para os clientes das empresas de KIBS. Finalmente, no terceiro estágio, há a aplicação de novos conhecimentos, criando um novo processo de interação, surgindo assim o círculo virtuoso de processamento e difusão de conhecimento entre as empresas de KIBS e seus clientes.

Outra importante contribuição é apresentada por Hauknes (1998), onde o autor identifica três papéis a serem desempenhados pelos KIBS: facilitadores, portadores e fontes de inovação. Enquanto facilitadores da inovação, os KIBS ajudam diretamente seus clientes na geração de inovação. Como exemplo, o autor cita um consultor que auxilia um cliente seu a implementar novos sistemas de contabilidade ou o auxilia a desenvolver um novo canal de distribuição para seus produtos. Os KIBS como portadores de inovação, participam na transferência de inovações existentes de uma empresa para outra e tem como exemplo as empresas que desenvolvem treinamento dos consumidores finais em *softwares* e programas utilizados por outras empresas. E, por fim, as empresas de KIBS atuam com fontes de inovação na medida em que desenvolvem inovações a partir de interações com outras empresas que são seus clientes. Como exemplos são usadas as empresas de publicidade que desenvolvem e executam campanhas novas para seus clientes e estão em constante interação com os mesmos na implementação ou não de mudanças na campanha.

Em recente estudo realizado na Finlândia, Toivonen (2004) identificou que os KIBS executam um papel muito parecido com os Sistemas Regionais de Inovação ao demandar conhecimento dos centros de P&D e universidades e ofertá-lo as outras empresas.

KIBS e a territorialidade

A abordagem territorial parte da ideia de aglomeração (*cluster*), onde haveriam atividades destinadas à pesquisa e desenvolvimento, empresas demandantes dessas atividades que ao mesmo tempo ofertariam seus serviços a outras empresas, geralmente ligadas ao setor manufatureiro, permitindo assim o desenvolvimento de determinadas regiões periféricas. Neste contexto os KIBS formariam uma estratégia mais ampla de desenvolvimento de regiões atrasadas através de certa especialização relativa desses serviços.

O trabalho de Asián (2003), traz um estudo empírico realizado em algumas regiões da Espanha onde se relaciona gastos em P&D e sua função na geração e difusão de inovações. Já Tervo e Niittykangas (1994), citados por Asián (2003), argumentam que as empresas de KIBS tendem a se concentrar em áreas urbanas maiores e quando migram para as áreas menores é em razão de seus serviços tornarem-se industrializados (padronizados). No caso brasileiro muitas empresas de KIBS podem se concentrar em áreas menores, mas próximas das metrópoles, isto permite uma constante troca de informações, pois as metrópoles possuem infra-estrutura maior no que diz respeito a centros de P&D, serviços financeiros e serviços públicos, enquanto que as regiões menores conseguem atrair essas empresas devido a custos menores com impostos, valor de aluguel e terrenos e transportes.

Outra importante contribuição é o estudo realizado por Camacho, Rodríguez e García (2003), também analisando as regiões da Espanha. O estudo relaciona os gastos com P&D, o pessoal ocupado com P&D e pesquisadores em relação ao PIB e conclui, através dos índices de Theil e Gini, que existe forte concentração na atuação inovadora nas regiões estudadas.

Conclusões

A partir da observação das questões levantadas percebe-se a importância dos KIBS como atores relevantes para o desenvolvimento regional

e necessidade mais que urgente de medida para estímulo dessas atividades como forma de redução das desigualdades regionais. Abaixo elencam-se algumas proposições:

- 1) políticas de incentivo à pesquisa e desenvolvimento (P&D) para as universidades, principalmente para o longo prazo, seguindo o exemplo dos países da OCDE que possuem metas decenais;
- 2) Fomentar rede de instituições que possam formar e treinar recursos humanos;
- 3) Promover maior grau de integração de empresas de pequeno e médio porte;
- 4) Incentivo às empresas prestadoras de serviços, principalmente aquelas intensivas em conhecimento, para que permitam inovações em outras atividades e setores gerando um círculo virtuoso;
- 5) Incentivo às pequenas e médias empresas à exportação de serviços;
- 6) Definição de uma política nacional que incentive a inovação, já que o país possui experiências locais como o caso da indústria moveleira em Bento Gonçalves no Rio Grande do Sul, plásticos no ABC entre outros.

Os Sistemas Regionais de Inovação também são relevantes para consubstanciar um processo de desenvolvimento endógeno, que envolva cada vez mais atores locais que possam dinamizá-los. Contudo é necessário considerar que o fluxo de conhecimento se completa exogenamente na medida em que a região busca o seu desenvolvimento localmente, mas demanda outros serviços de fora. Esse exemplo tem se mostrado latente em razão da adoção do conceito de *cluster* que se mostra insuficiente para explicar o desenvolvimento regional quando este possui relações inter-regionais.

Referências

ALBUQUERQUE, Eduardo da Motta e. **Sistema estadual de inovação de Minas Gerais: um balanço introdutório**

uma discussão do papel (real e potencial) da FAPEMIG para sua construção. Belo Horizonte, 2001.

ALMEIDA, Paulo Henrique de. *Serviços estratégicos para o desenvolvimento*. Salvador, 2004.

ASIÁN, Rosario Chaves. *La innovación en los servicios empresariales intensivos en conocimiento (KIBS). Posibilidades para la economía regional*. IX Jornada de Economía Crítica. Universidad de Sevilla, 2003.

CAMACHO, Jose A; RODRÍGUES, Mercedes; GARCÍA, Rosa Maria. *Innovación regional en España: ¿influyen los servicios intensivos en conocimientos regionales?* XXIX Reunión de estudios regionales. Santander, 27-28 Novembro, 2003.

DEN-HERTOG, P. *Knowledge-intensive business services as co-producers of innovation*. *International Journal of Innovation Management*, número 4, 2000.

FARIAS, Maurício Cavalcante. *Relatório de Pesquisa*. Salvador: Grupo de Estudos do Desenvolvimento Regional Endógeno (Gedre) - Unifacs

FERRAZ, J.C e LASTRES, H.M.M. *Economia da informação, do Conhecimento e do Aprendizado*. Campus. Rio de Janeiro, 1999.

FREEMAN, C. *Preface to Part II in Dosi, G. Technical Change And Economic Theory*. Londres. Pinter, 1988.

FREEMAN, Chistopher. *Techonolgy and economic performance: lessons from Japan*. Londres. Pinter, 1987.

HAUKNES, Johan. *Knowledge intensive services – what their role?* Paris: OECD Business and Industry Policy Forum, 1998. Disponível em: <http://www.oecd.org/dataoecd/26/50/1826989.pdf>.

LUNDVALL, Benkt-Ank (ed.). *National system of Innovation – toward a theory of innovation an interactive lerning*. Londres. Pinter, 1992.

MILES, I. *Knowledge-Intensive Business Services: users, carries and sources of innovation*. PREST WORKING PAPER. Manchester, 1995.

MULLER, Emmanuel. *Innovation interactions between knowledge-intensive business services and small and medium sized enterprises – analysis in terms of evolution, knowledge and territories*. Physica.Alemanha, 2001.

MULLER, Emmanuel. e ZENKER, Andrea. *Business services as actors of knowledge transformation: the role of KIBS in regional and national innovation systems*. Research Policy. Alemanha, 2001.

NELSON, Richard R. (ed.) *National Innovation systems – a comparative analyses*. New York: Oxford University Press, 1993.

POSSAS, M.L. *Em direção a um paradigma microdinâmico: a abordagem neo-schumpeteriana*. NPCT/IG/UNICAMP. São Paulo, 1989.

ROESE, Mauro. *Política industrial e de C&T regional: sistemas de inovação regionais? O caso da aglomeração moveleira de Bento Gonçalves/RS*. IFCH/UFRGS. Rio Grande do Sul, 2003.

SCHUMPETER, J.A. *Teoria do Desenvolvimento Econômico*. São Paulo, Abril Cultural, 1982.

STRAMBACH, S. *Innovation process and the role of knowledge-intensive business services*, in K. Koschatzky, M Kulicke e A. Zenker (eds.), *Innovation Networks – Concepts and Challenges in the European Perspective*. Heidelberg, New York: Physica-Verlag, 2001.

TIGRE, P. *Inovação e teoria da firma em três paradigmas*. Revista de Economia Contemporânea, n.3. Rio de Janeiro:IE/UFRJ janeiro-junho de 1998.

TOIVONEN, Marja. *Expertise as business: long-term development and future prospects of knowledge-intensive business sevicees (KIBS)*. Universidade de Helsinki - Finlândia. Tese de Doutorado. 2004.

CEDRE – CENTRO DE ESTUDOS DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL

O CEDRE realiza estudos e pesquisas, elabora projetos e presta consultoria nas áreas de:

- **ECONOMIA REGIONAL E URBANA** – Análises regionais para programas de desenvolvimento – Avaliações e acompanhamento de programas de fomento – Estudos de viabilidade econômica – Estudos setoriais de oportunidades de investimento – Estudos de localização industrial – Projetos de implantação e ampliação de empresas – Diagnósticos municipais – Planejamento espacial e econômico nos planos macro e microeconômicos – Planos diretores de desenvolvimento urbano – análises urbanas).
- **TURISMO E MEIO AMBIENTE** – Planejamento turístico macro e microeconômico – Estudos de viabilidade econômica de empreendimentos turísticos – Projetos turísticos – Estudos de impactos ambientais (Rima).

Sendo uma instituição universitária o CEDRE não tem finalidades lucrativas e opera em termos bastante acessíveis para as prefeituras municipais e as pequenas e médias empresas.

Tel.: (71) 3273-8528 / 3271-8780

E-mail: cedre@unifacs.br